

**IMAGINÁRIOS,  
REPRESENTAÇÕES E  
AMAZÔNIA: análise da  
construção de sentidos nos  
discursivos das ONGs  
Greenpeace e WWF**

IMAGINARIES, REPRESENTATIONS  
AND AMAZON: analysis of the  
construction of meanings in the  
discourses of the NGOs Greenpeace  
and WWF

IMAGINARIOS, REPRESENTACIONES Y  
AMAZONIA: análisis de la  
construcción de sentidos en los  
discursivos de las ONG Greenpeace y  
WWF

**Jonas da Silva Gomes Junior<sup>1, 2</sup>**

**RESUMO**

Este trabalho analisa os discursivos das ONGs Greenpeace e WWF utilizados para disseminar informações sobre a Amazônia no período entre 2010 e 2016. Durante o processo de análise discursiva de 39 textos diferentes, notou-se que os sentidos de Amazônia efetivam-se por meio de quatro categorias: "globalização econômica", "poder simbólico", "natureza imaginária" e "sociodiversidade artificial". Os resultados da pesquisa apontam que as ONGs Transnacionais Ambientalistas Greenpeace e WWF, utilizando-se de vários recursos discursivos, buscam produzir imagens da Amazônia de acordo com as

<sup>1</sup> Doutor em Sociedade e Cultura na Amazônia, Mestre em Ciências da Comunicação e Graduado em Relações Públicas pela Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Professor do Curso de Relações Públicas da Faculdade de Informação e Comunicação (FIC) da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). E-mail: [jonasjr@ufam.edu.br](mailto:jonasjr@ufam.edu.br).

<sup>2</sup> Endereço de contato com o autor (por correio): Universidade Federal do Amazonas. Faculdade de Informação e Comunicação (FIC). Av. General Rodrigo Otávio, nº 6.200, Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho, Setor Norte, Coroado I. CEP: 69077-000, Manaus, Amazonas, Brasil.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

suas perspectivas de mundo e impor a aceitação globalizada dessa imagem como realidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Imaginário; Poder Simbólico; Amazônia; Discurso; ONGs.

### **ABSTRACT**

This paper analyzes the discourses of the Greenpeace and WWF NGOs used to disseminate information about the Amazon in the period between 2010 and 2016. During the discursive analysis process of 39 different texts, it was noticed that the Amazonian meanings are effected through four categories: "economic globalization", "symbolic power", "imaginary nature" and "artificial sociodiversity". The research results point out that the Transnational Environmental NGOs Greenpeace and WWF, using various discursive resources, seek to produce images of the Amazon according to their world perspectives and impose the globalized acceptance of this image as a reality.

**KEYWORDS:** Imaginary; Symbolic Power; Amazônia; Speech; NGOs.

### **RESUMEN**

Este trabajo analiza los discursivos de las ONG Greenpeace y WWF utilizados para diseminar informaciones sobre la Amazonia en el período entre 2010 y 2016. Durante el proceso de análisis discursivo de 39 textos diferentes, se notó que los sentidos de Amazonia se efectúan por medio de cuatro categorías: "globalización económica", "poder simbólico", "naturaleza imaginaria" y "sociodiversidad artificial". Los resultados de la investigación apuntan que las ONGs Transnacionales Ambientalistas Greenpeace y WWF, utilizando varios recursos discursivos, buscan producir imágenes de la Amazonía de acuerdo con sus perspectivas de mundo e imponer la aceptación globalizada de esa imagen como realidad.



revista  
Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 5, agosto. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

**PALABRAS CLAVE:** imaginaria; Poder simbólico; Amazon; el habla; ONG.

Recebido em: 09.03.2017. Aceito em: 19.06.2018. Publicado em: 01.08.2018.

## Introdução

Os assuntos relacionados à Amazônia estão cada vez mais presentes na agenda da política internacional, especialmente nas conferências sobre meio ambiente. O interesse internacional pela região, geralmente, está atrelado às questões climáticas, aquecimento global, biodiversidade, desmatamento da floresta tropical e muitas outras<sup>3</sup>. Diversas entidades Ambientalistas Transnacionais atuam no bioma amazônico e se utilizam de recursos midiáticos e ações de ativismo social para legitimar a atuação na região, disseminar estratégias e ações ambientais, divulgar opiniões, interagir com outros organismos sociais e, por fim, agregar mais adeptos às causas que defendem.

Nesse cenário, as ONGs Transnacionais Greenpeace e WWF destacam-se pelo poder simbólico de suas ações que tem repercussão internacional. Esses atores não governamentais foram escolhidos como objeto de estudo por se utilizarem de diversos recursos midiáticos para disseminar a imagem da Amazônia no mundo globalizado, desde a divulgação massiva nos meios de comunicação até ações de ativismo digital nas suas mobilizações. Como consequência, na visão da sociedade, ambas se tornaram representantes da causa ambiental e são consideradas “autoridades” nas questões ambientais na Amazônia.

Ademais, Greenpeace e WWF possuem uma rede de influência muito grande na Amazônia, sendo capazes de pautar atividades, projetos e ações de entidades ambientalistas regionais e, assim, influenciar diversos processos econômicos, políticos e socioculturais. Essa capilaridade relaciona-se ao

---

<sup>3</sup> Historicamente, a região amazônica tem despertado um fascínio desde os primeiros contatos com os europeus. As viagens exploratórias realizadas no século XVI por espanhóis e portugueses para verificar as potencialidades regionais são exemplos de um interesse econômico marcado por diversos aspectos geopolíticos.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

potencial financeiro das referidas ONGs, que estão entre as que mais recebem recursos financeiros de doadores no mundo.

O presente trabalho, portanto, trata da atuação simbólica das ONGs na construção imagética da Amazônia. Nesse sentido, foram identificadas as principais características discursivas das ONGs WWF e Greenpeace para abordar sobre a região. Os sentidos discursivos foram analisados nos instrumentos midiáticos (site institucional, mídias sociais, vídeos, anúncios publicitários, ações promocionais e outros), relacionando-os ao marco teórico.

A primeira seção expõe, inicialmente, aspectos conceituais sobre imagem, imaginário e representações. Em seguida, apresentam-se diversas imagens construídas historicamente sobre a Amazônia, dessa forma, os primeiros discursos e imagens a respeito da região são destacados, assim como as atuais construções midiáticas. Imagens tais que são alimentadas pelas ONGs Transnacionais e que passam a compor, na sociedade midiática, o que chamamos de “Espetacularização da Amazônia”.

Por fim, os sentidos discursivos das transnacionais ambientalistas na Amazônia são expostos por meio da discussão sobre os aspectos da globalização econômica contidos nos discursos, marcados pelo poder simbólico e a autoridade científica. Nota-se a ênfase sobre a natureza e os esquecimentos da dimensão social no discurso das Transnacionais Ambientalistas analisadas.

### **De qual Amazônia estamos tratando?**

Ao discorrer sobre Amazônia podemos estar nos referindo a “Amazônias”, pois existem várias percepções sobre a Amazônia que nos induzem a (re) conhecer que existem diversas (re) construções teóricas, conceituais e simbólicas. O termo Amazônia é polissêmico, pois pode fazer

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

referência à Amazônia brasileira, Amazônia legal, Amazônia Ocidental, Pan-Amazônia, Primeira Amazônia, Amazônia Indígena e outras indicações, tais como o bioma e a Floresta Amazônica. Apresentamos a seguir algumas destas compreensões.

Com base em uma perspectiva histórico-geográfica, Silva (2012) propõe três caracterizações: Amazônia Portuguesa, Amazônia Indígena e Amazônia Brasileira. Ao narrar a gênese e as transformações da Amazônia, a autora estuda o modo pelo qual a Amazônia foi criada e os processos que cercam a sua integração nacional. Para a autora a configuração da região amazônica está relacionada ao fomento econômico, comércio e agricultura.

A Amazônia Indígena antecede e atravessa a Amazônia Lusitana, sendo resultado de uma ocupação humana pré-colonial, de organizações socioetárias diferentes da civilização ocidental, processos de colonização portuguesa e de constituição da sociedade brasileira. A Amazônia Indígena não tem equivalência na cultura europeia. Ademais, a diversidade de culturas e nações da Amazônia não era impeditiva da existência de predominância de alguns povos sobre outros.

A Amazônia Brasileira é continuidade e, ao mesmo tempo, ruptura com a Amazônia Portuguesa. Assim, a autora entende que a "Amazônia brasileira é uma concepção do poder imperial com o objetivo de interiorizar o Estado-Nação na região Norte. Para tal, reconhece, a seu modo, a diversidade física e cultural da Amazônia, pela qual elabora um discurso de integração que é, ao mesmo tempo, um discurso de ordenação social" (SILVA, 2012, p.178).

A partir da geografia humana, Batista (2007) tipificou três Amazônias cuja descrição ainda ilustra o cenário atual e demonstra a pertinência contextual. A primeira Amazônia é composta por Manaus e Belém, cidades que servem de

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

modelo para as demais capitais, podendo ser incluída nesse grupo a cidade de Santarém que o autor indica como futura capital.

Batista (2007) não aceitava a inclusão de São Luis e Cuiabá como cidades amazônicas, chegando a questionar: “Quem, nelas, porém se sente amazônico?” e afirmar: “São Luís é fundamentalmente nordestina e Cuiabá, bem no limite da Amazônia, está voltada para o Brasil Meridional” (BATISTA, 2007, p.111). O autor aceita os vínculos históricos e políticos das duas capitais com a Amazônia, porém considera que, econômica e culturalmente, elas estão desligadas da “planície”.

A segunda Amazônia é composta por cidades dos municípios do interior, “tanto as que se encontram em fase de desenvolvimento ou são sedes municipais, muitas delas apenas com o rótulo de cidades” (BATISTA, 2007, p.113). Para o autor, nem mesmo o esforço dos governos em implantar melhorias na infraestrutura básica consegue mudar a profunda relação da população com a atividade extrativista apesar de aparente desenvolvimento.

A terceira Amazônia, por sua vez, foi descrita como: “grande área onde vivem os extrativistas, agricultores, pescadores e garimpeiros, isto é, os trabalhadores rurais em geral e suas numerosas famílias” (BATISTA, 2007, p.114). Trata-se um número desconhecido de pessoas, vivendo em estado de profunda desagregação social, sem perspectiva de futuro, em condições subumanas, embrutecidas e aviltadas, conformadas com o destino definido pelos donos da terra. Isoladas em vilas, povoados, sítios, se alojam em fazendas, seringais, castanhais, pontos de comércio, se alimentam da caça, peixes, frutos das florestas e de produtos de uma incipiente cultura de subsistência.

Fonseca (2011) afirma que para pensar a Amazônia é preciso refletir sobre suas diversidades (naturais, culturais, sociais, biológicas, econômicas,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

étnicas e outras). Essas diversidades demonstram a complexidade amazônica e se configuram em um “macrodescritor regional muito mais representativo do que a expressão planície amazônica que é apenas uma das feições da diversidade físico/natural”. (FONSECA, 2011, p.13).

Benchimol (2010), ao refletir sobre essas diversidades, afirma que a região amazônica “dada as grandes latitudes e longitudes que lhe dão configuração continental é possível identificar pelo menos 8 grandes sub-regiões” (BENCHIMOL, 2010, p.608): Amazônia Oriental, Amazônia Central, Amazônia Setentrional, Amazônia Guiano-Orinocense, Amazônia Meridional, Amazônia do Planalto, Amazônia Ocidental; Amazônia Pré-Andina.

Cada uma dessas divisões é marcada por peculiaridades que, segundo Benchimol (2010), devem ser entendidas para que se tenha êxito na elaboração e aplicação de soluções logísticas, políticas e econômicas. Boa parte dessas sub-regiões está contida na Amazônia Brasileira, região formada pelos estados do Amazonas, Acre, Pará, Amapá, Roraima, Rondônia e Tocantins. Possui 11.248 quilômetros de fronteiras internacionais, mais de 50% do potencial hidrelétrico do Brasil, e é detentora de 12 milhões de hectares de várzeas e de 25 mil quilômetros de rios navegáveis.

Já a Amazônia Legal, denominação existente a partir de 1966, abrange, também, a parte oeste do Estado do Maranhão, a partir do meridiano 44º e parte do Estado do Mato Grosso. Fonseca (2011, p.92) critica esse conceito: “é tão artificial que o próprio IBGE não a reconhece como região geográfica para consolidar informações comparativas, usando, para esse objetivo, as Regiões Norte, Nordeste, Sudeste, Sul e Centro-Oeste”.

Do ponto de vista geográfico, a Amazônia é a região sul-americana com condições climáticas caracterizadas por altas temperaturas, umidade e



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

precipitação pluviométrica e, que abrange parte do Brasil, Peru, Equador, Bolívia, Colômbia, Venezuela, Suriname, Guiana e Guiana Francesa, totalizando cerca de 6,5 milhões de km<sup>2</sup>, dos quais cerca de 5 milhões de km<sup>2</sup> se constituem de florestas primárias, o que credencia como a maior floresta tropical do mundo.

Neste artigo, o termo Amazônia refere-se a uma compreensão aberta. Estamos trabalhando com uma concepção que não se limita a Floresta Amazônica, mas carrega todos os sentidos que a palavra “Amazônia” traz. O discurso das ONGs, apesar de significar, em muitos casos, a Floresta, acaba por induzir uma percepção sobre a região como um todo. Apresenta, assim, de forma indistinta a visão de Amazônia, misturando-se amazônias: espaço geopolítico, bioma, região, floresta, povos, nações e estados. A demarcação aqui estabelecida amplia as possibilidades interpretativas da análise discursiva e está alinhada com a finalidade deste trabalho.

### **Imaginário, representações e Amazônia**

A sociedade pós-moderna privilegia as formações imagéticas como forma de conhecimento e de comunicação social. Surge assim uma hegemonia do visual baseada na emergência de plataformas e sites digitais, os meios de comunicação através de seus diversos recursos simbólicos. As imagens conseguem construir universos simbólicos dos mais diversos que se efetivam no imaginário social e perfazem as inteligências coletivas.

De acordo com Laplantine e Trindade (1997, p.9), “imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo”. Dessa forma, as imagens são

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

construções mentais baseadas nas informações obtidas pelas múltiplas experiências colaterais precedentes.

Maffesoli (2008, p.1) destaca que “não é a imagem que produz o imaginário, mas o contrário. A existência de um imaginário determina a existência de conjuntos de imagens. A imagem não é o suporte, mas o resultado”. Assim, o “imaginário, como mobilizador e evocador de imagens, utiliza o simbólico para exprimir-se e existir e, por sua vez, o simbólico pressupõe a capacidade imaginária” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1997, p.25).

A Amazônia foi construída no imaginário global a partir de diversas interpretações datadas em espaços e tempos diferentes. Viajantes, cronistas, cientistas, intelectuais, escritores foram responsáveis pelas primeiras construções imagéticas da região. Na contemporaneidade, meios de comunicação (TV, rádio, jornais, revistas e internet), ajudam a projetar reverberações daquelas primeiras imagens. A Amazônia existe a partir das ideias, dos signos e dos símbolos que foram e são atribuídos a ela.

Bueno (2002) apresenta questões sobre a representação da Amazônia, tomando como base entrevistas realizadas pela autora tanto na região quanto fora dela. Nas entrevistas a natureza em suas diversas manifestações aparece como representação dominante: a floresta, sua preservação, a fauna e os rios são indicados majoritariamente, ficando em plano secundário a população indígena e as transformações econômicas recentes.

O imaginário amazônico mobiliza as imagens primeiras, como a de El Dorado, Terra da Canela, Pais das Amazonas e Jardim do Édem. O imaginário reconstrói essas imagens sem o compromisso com a realidade, constituindo-se numa tradução mental de uma realidade exterior. Assim, “o imaginário, ao libertar-se do real que são as imagens primeiras, pode inventar, fingir,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

improvisar, estabelecer correlações entre os objetos de maneira improvável e sintetizar ou fundir essas imagens” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1997, p.25).

A elaboração de como a Amazônia é vista e percebida nos dias atuais ainda está impregnada de conceitos, juízos, símbolos, mitos e valores da civilização européia. É por meio das narrativas dos conquistadores europeus que as imagens são percebidas até os dias de hoje. Ugarte esclarece que “muitas vezes, essas imagens mentais eram transformadas em imagens formais, isto é, em gravuras, feita por especialistas, que ilustravam folhetins, livros e mapas” (UGARTE, 2003, p. 4).

Com isso, o imaginário apóia-se no real para transfigurá-lo e deslocá-lo, criando novas relações sógnicas. A realidade amazônica, na qual está contida uma complexidade, encontra-se no imaginário por meio de ilusões, que são caracterizadas pela “imprecisão, ambigüidade, confusão de discursos, perda da lógica interna do imaginário, codificada através da coerência de um discurso prático e do jogo de deslocamentos e transfigurações, que tem como fundamento último o real de um passado ou de um futuro” (LAPLANTINE e TRINDADE, 1997, p. 49).

As representações da Amazônia, como uma região universal, são ideias que se cristalizam em imagens mobilizadoras. Para evocar um imaginário de “Amazônia” se recorre a interdiscursos (históricos, literários, científicos, midiáticos e outros) e, sobretudo, aos valores afetivos, sentimentos, emoções e expectativas que se tem em relação a ela. A representação que se tem de Amazônia é, assim, uma composição múltipla de interdiscursos.

As visões de Amazônia são polissemânticas e, embora sejam conduzidos por eixos reais, ultrapassam-nos adquirindo efeitos de sentidos diversificados. Imaginário não significa, porém, ausência da razão, mas apenas a exclusão de

raciocínios demonstráveis e prováveis, os quais constituem o fundamento da imaginação coletiva.

A produção da Amazônia no imaginário segue o discurso de um real estabelecido pelas interpretações místicas, midiáticas e espetaculares. Essas representações não só constroem a Amazônia, propondo outras realidades nas quais os objetos estão sujeitos às suas novas regras e normas, mas também ultrapassam as representações sistematizadas pela sociedade, criando outro real. É mais uma forma de conhecer, perceber, interpretar e representar a realidade amazônica.

O imaginário recria e reordena a realidade, encontrando-se no campo da interpretação e da representação. Há um imaginário amazônico que gera uma forma particular de pensar a sociedade, cultura, economia e vida na região, fazendo-a ser uma (re) construção histórica, mas também o resultado de um universo simbólico e, por isso mesmo, um arquétipo da questão ambiental.

Conseqüentemente, toda e qualquer imagem sobre a Amazônia, ao mesmo tempo é recursivamente produtora e produto do imaginário global, passando a ter o caráter ambiental na matriz sígnica, devido à sua universalidade e à sua emergência coletiva. As representações da Amazônia colocam-na em diversas questões, denotando seu funcionamento social com todas as suas ambigüidades, seu caráter sincrético, polissemântico, que caracterizam o movimento discursivo.

Em síntese, o imaginário faz parte do campo de representações, mas não é uma tradução reprodutora ou uma transposição de imagens. Para evocar uma Amazônia imaginária não se recorre tão somente aos conceitos sobre Amazônia, mas aos valores efetivos que a ela atribuímos.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

As imagens projetadas sobre a região refletem o que efetivamente sabe-se ou não se sabe sobre ela, denotando uma visão externa e difusa. Na maioria das vezes, não correspondem ao complexo que ela é de fato, pois é uma representação marcada por “filtros” ideológicos redutores. A noção de Amazônia passa a ser, por conseguinte, uma construção social induzida de múltiplos significados, formada por diferentes vozes e efeitos de sentidos que se quer dar para essa região.

Independentemente das representações, a Amazônia é uma complexidade multiforme, marcada por uma sociedade e cultura, independentes, com características físicas e sociais específicas, definidas por dimensões históricas, pelas condições ecológicas e pelos seus contextos socioculturais. A Amazônia só pode ser percebida como uma rede complexa, que contém os componentes diversos, contradições e elementos diferenciados. A Amazônia tem florestas, mas tem cidades; tem índios; mas tem outros agrupamentos; tem natureza, mas tem cultura; tem problemas, mas tem soluções.

### **Pesquisa e resultados da análise discursiva**

Para analisar os sentidos discursivos utilizadas pelas ONGs Transnacionais para disseminar a região amazônica utilizamos da Análise do Discurso Francesa (PÊCHEUX 1995, 1990; ORLANDI, 1994, 2009; SOUZA, 2006, 2014). Tal escolha se dá exatamente pelo fato dessa disciplina estudar a relação da linguagem com as questões sociais, a partir dos conflitos ideológicos e poder.

Ademais, com a ADF é possível um olhar perspicaz sobre as marcas textuais e o acesso às filiações ideológicas das ONGs Transnacionais,

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

possibilitando perceber as contradições, equívocos discursivos, evidenciar os funcionamentos e estratégias discursivas, além de explicitar os processos de significação.

O corpus analisado está situado temporalmente entre 2010-2016 e é composto por relatórios, conteúdos dos sites institucionais, revistas, vídeos e publicações que abordam sobre a Amazônia. Dessa forma, foram analisados 39 textos em diferentes formatos<sup>4</sup>. Ao analisar detidamente o material foi possível notar como constroem diversos sentidos sobre a Amazônia.

Na linguagem das ONGs Transnacionais existem traços e vestígios do lugar de significação amazônico, portanto do discurso, de quem enuncia. São essas marcas que explicitaremos a fim de que possamos, por meio de sua evidência, descrever as propriedades do discurso que as sustentam. A escolha dos exemplos se deu em termos como ponto de indagação a compreensão ilustrativa do sentido de sustentabilidade amazônica adotado pelas ONGs Transnacionais.

Nossa intenção é interpretar o discurso das ONGs Transnacionais Ambientalistas nas suas ações de ativismo social e utilização de recursos midiáticos. Com isso, temos a finalidade de compreender como o sistema simbólico produz sentidos sobre a Amazônica. Não pretendemos nos ater nos conteúdos, objetivamos sim trabalhar os limites dos processos de significação e os mecanismos ideológicos utilizados pelas ONGs Transnacionais.

A seguir apresentam-se os principais resultados da análise discursiva realizada, destacando os sentidos discursivos, descrevendo suas peculiaridades,

---

4 Foram selecionados textos institucionais das ONGs Transnacionais, ou seja, materiais que caracterizam seu posicionamento oficial, assinalando assim um conteúdo aprovado pelas ONGs. Diferentemente, por exemplo, de textos opinativos ou matérias de jornal que tem o sujeito-autor, normalmente, assinando e identificando o texto.

esmiuçando algumas implicações na construção de imaginários sobre a Amazônia.

### **Categoria “globalização da sustentabilidade econômica”**

Durante a análise, foi possível notar que o discurso das ONGs ratifica o caráter planetário da Amazônia. Nesse sentido, nota-se que a importância global da Amazônia está diretamente atrelada a uma dimensão econômica, pois ora assume o lugar de patrimônio da humanidade, ora aparece como reserva territorial estratégica. A condição diferenciada da Floresta Amazônica é enunciada pelas ONGs, aglutinando uma ampla gama de interesses conformados no sistema global:

**As florestas são nosso seguro de vida.** As florestas são parte vital do ciclo da água, contribuindo para a formação de chuvas que abastecem várias regiões do Brasil. (GREENPEACE, Folheto sobre Desmatamento Zero – Por que precisamos de Florestas?, grifo nosso).

Além de garantir a sobrevivência desses povos, fornecendo **alimentação, moradia** e medicamentos, **a Amazônia tem uma relevância que vai além de suas fronteiras.** (GREENPEACE, Site Institucional, Texto “Amazônia: Fascínio e destruição”, grifo nosso).

Há muito tempo a floresta Amazônica é reconhecida como um **repositório de serviços ecológicos, não só para os povos indígenas e as comunidades locais, mas também para o restante do mundo.** Além disso, de todas as florestas tropicais do mundo, a Amazônia é a única que ainda está conservada, em termos de tamanho e diversidade. (WWF, Site Institucional, Texto “Por que a Amazônia é importante?”, grifo nosso)

A boa notícia é que 80% da floresta amazônica original permanecem praticamente intactos, então ainda é possível cuidar desse **patrimônio de imenso valor para toda a humanidade.** (WWF, Site Institucional, Texto “Ainda dá para salvar a Amazônia?”, grifo nosso)

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

Comemorada no dia 5 de setembro, a Amazônia é um dos **patrimônios naturais** mais valiosos de **toda a humanidade** e **a maior reserva natural do planeta**. Com sete milhões de quilômetros quadrados, sendo cinco milhões e meio de florestas, o bioma é fundamental para o **equilíbrio ambiental e climático do planeta** e a conservação dos recursos hídricos. (WWF, Site Institucional, Texto “5 de setembro: Dia da Amazônia”, grifo nosso)

Apesar de sua **incalculável importância ambiental para o planeta**, – como o habitat de inúmeras espécies animais, vegetais e arbóreas, e como **fonte de matérias-primas alimentares, florestais, medicinais e minerais** –, a Amazônia tem sido constantemente ameaçada por inúmeras atividades predatórias, entre elas a extração de madeira, a mineração, as obras de infraestrutura e a conversão da floresta em áreas para pasto e agricultura. (WWF, Site Institucional, Texto “5 de setembro: Dia da Amazônia”, grifo nosso)

Esses diversos fragmentos caracterizam uma visão globalizante sobre a Amazônica. Nota-se que discursivamente a Amazônia também é desterritorializada por ser uma “reserva natural” de “incalculável importância” e, por isso, trata-se de um “patrimônio de imenso valor para toda a humanidade”.

Percebe-se, a partir da análise discursiva, que os textos das ONGs Transnacionais Greenpeace e WWF mantêm no cenário global os ideais de compartilhamento contidos nessas frases: “sem fronteiras”, “Amazônia é de todos” “Amazônia, patrimônio da humanidade”. A força do simbólico faz emergir aí a internacionalização econômica da Amazônia, às vezes mais evidente, outras vezes mais velada<sup>5</sup>.

---

<sup>5</sup> A vinculação contemporânea da Amazônia a uma espécie de discurso planetário é marcada por interdiscursos históricos. As ONGs reverberam, por exemplo, as mesmas noções de algumas declarações famosas sobre a internacionalização da Amazônia: “Quando o meio ambiente está em perigo, não existem fronteiras”, Madeleine Albright, primeira mulher a ocupar o cargo de secretária de Estado dos EUA (1997–2001), “O Brasil deve delegar parte de seus direitos sobre a Amazônia aos organismos internacionais”, ex-presidente russo Mikhail Gorbachev, “Ao



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

Os fragmentos dos textos ambientalistas ressaltam a importância da Floresta Amazônica sob diversos aspectos para a humanidade. Mas o que **não está dito** é que esse interesse pela floresta é essencialmente econômico, visto que as marcas lingüísticas permitem entrever o interesse financeiro nas nuances dos trechos.

Algumas marcas asseveram essa percepção, tais como “patrimônio”, “valor”, “reserva”, “incalculável”, “matéria-prima” e “seguro de vida”. Esses termos ao serem deslocados de seu contexto original, remetem aos componentes do modo de produção capitalista e suas derivações sistêmicas. Os textos analisados não abordam diretamente sobre a exploração econômica da região, mas o discurso deixa perceber o interesse financeiro por trás da preservação ambiental.

Nota-se que a importância ambiental da Floresta Amazônica tem como pano de fundo a manutenção dos sistemas econômicos. As marcas discursivas possibilitam vislumbrar que a Amazônia é importante porque tem diversos recursos que podem ser explorados economicamente. Apesar de o pretexto ambiental ser destacado em vários momentos discursivos, nota-se na utilização das marcas que a dimensão financeira, econômica e produtiva está manifesta no objeto discursivo.

O discurso das Transnacionais Ambientalistas defende que a região, por ter um conjunto de bens naturais ou semi-naturais que, dado seu valor em termos de biodiversidade, merece ser protegido pela sociedade mundial. A riqueza da região é ser um objeto-repositório, algo para ser guardado e explorado por conveniência. A Amazônia, assim, é um local de armazenamento

---

contrário do que os brasileiros pensam, a Amazônia não é só deles, mas de todos nós”, ex-vice-presidente dos EUA Al Gore, Prêmio Nobel da Paz, “O Brasil precisa aceitar uma soberania relativa sobre a Amazônia”, ex- presidente da França, François Mitterrand.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

ambiental de onde podem ser recuperados e utilizados para beneficiar diversos níveis locais, nacionais ou globais.

O discurso ambientalista destaca que a Amazônia é de suma importância pelo seu papel estratégico na manutenção do clima e de outros serviços ambientais. Assim, a globalização econômica da Floresta Amazônica pode ser vista também como um recurso persuasivo, pois desperta não somente a atenção global, mas estimula os investimentos financeiros.

Pode-se interpretar que a Amazônia é uma garantia econômica, uma espécie de plano de contingência (ou um “seguro de vida”, como é apontado no texto do Greenpeace) no qual se pode contar em circunstâncias imprevistas. A concepção da Amazônia como “garantia” está estreitamente associada aos interesses externos, em especial nas redefinições geopolíticas das relações internacionais, com enfoque econômico e político.

Ademais, o discurso globalizante das ONGs Transnacionais tem vários constituintes simbólicos, visto que ao desterritorializar ambientalmente a Amazônia as ONGs responsabilizam a região e seus atributos pela possível “salvação” ou “condenação” mundial, é como se todos os problemas do mundo convergissem ou pudessem ser resolvidos com a proteção da Floresta Amazônica. Freitas (2006, p.78) corrobora essa perspectiva ao destacar que “a representação simbólica da Amazônia é uma perspectiva subjetiva que atravessa todas as culturas mundiais e que não tem preço, é como se o destino da Amazônia fosse de responsabilidade de cada um dos habitantes da Terra”.

### **Categoria o “poder simbólico”**

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

Por meio da análise da superfície discursiva, constatou-se que as ONGs Transnacionais Greenpeace e WWF exercem uma notória influência discursiva sobre a sustentabilidade amazônica exercida por meio das argumentações contidas nos sites institucionais, mídias sociais, vídeos e relatórios. O poder simbólico<sup>6</sup> delas é considerável, ainda que exercido dentro de limitações de espaço e tempo.

Ao analisar discursivamente as ONGs, é possível notar distintas marcas textuais que caracterizam diferentes espectros do poder nas argumentações, além do poder simbólico. O jogo de poder simbólico está na projeção de uma imagem de domínio situacional sobre a questão ambiental, sendo um componente importante do exercício e da manutenção do poder o conhecimento sobre a região. Nesse sentido, é exemplar a fala da secretária geral do WWF no Brasil, pois se demonstra que a referida ONG tem um capital intelectual acumulado sobre as problemáticas que envolvem a sustentabilidade amazônica.

“O Dia da Amazônia é um dia de celebração”, ressalta a secretária geral do WWF-Brasil, Maria Cecília Wey de Brito. **“Nós temos conhecimento sobre os problemas e desafios do bioma, mas muito mais sobre as ferramentas que precisamos para vencê-los e quais os resultados que devemos atingir. Nosso trabalho tem se pautado na proposição de uma agenda positiva para o desenvolvimento sustentável do bioma”,** avalia. (WWF, Site Institucional, Texto “5 de setembro: Dia da Amazônia”).

No caso específico do texto em análise, na superfície do discurso, o WWF evidencia a existência de uma rede de relações de poder que envolve a influência sobre as políticas públicas de meio ambiente e sustentabilidade.

---

<sup>6</sup> O poder simbólico, dessa forma, é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer um sentido imediato do mundo, uma concepção temporal-espacial que gera uma concordância social (BOURDIEU, 1989). Os sistemas simbólicos cumprem a sua função política de instrumentos de imposição ou de legitimação da dominação.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

Equiparando-se aos órgãos governamentais, a ONG evidencia a dimensão política e o potencial intervencionista na região amazônica.

O discurso ultrapassa, assim, o sentido ambiental e caracteriza a busca pela legitimidade política na região amazônica. Pelo que se nota, a ONG representa, no campo de força política, um agente que detém um poder representativo nesse campo de disputas. Caso contrário, sem as articulações políticas com diferentes atores sociais, não seria possível propor uma “agenda positiva para o desenvolvimento sustentável do bioma”. Abaixo outros exemplos que ilustram o potencial poder das Transnacionais Ambientalistas:

Hoje, na Amazônia, a pecuária é responsável por 80% do desmatamento. **O Greenpeace investiga e denuncia** quem faz parte dessa cadeia de produção de carne. Os consumidores já deram seu recado, não querem produtos originários de desmatamento. Junte-se ao Greenpeace e **seja também você parte da solução**. Acesso nosso site. (GREENPEACE, Anúncio publicitário da Campanha Desmatamento Zero, Cortes de Carne).

O Greenpeace está presente na Amazônia desde 1999, e de lá para cá foram muitas vitórias. Em 2003 **consequimos barrar o comércio de mogno**, incluindo esse tipo de madeira na lista internacional de espécies ameaçadas. Em 2004 **auxiliamos o povo Deni no processo de autodemarcação de suas terras**, o que impediu que a madeireira malaia WTK explorasse 151 mil hectares de florestas onde viviam os indígenas, e na criação de unidades conservação na terra do meio no Pará. (GREENPEACE, Site Institucional, Texto “Amazônia, sua linda!”, 2015).

Nesses trechos, fica subentendido o poder intervencionista da ONG e a possibilidade de auxiliar em diversos tipos de investigações, incluindo-se as criminais. Essa questão amplia em muitos aspectos a dimensão de poder, se considerássemos mais detidamente as posições políticas em torno da compreensão de Amazônia, posto que as atuações dessas organizações possuem relações institucionais mais estreitas, quer se trate do âmbito

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

governamental, quer se trate do âmbito de empresas privadas e de outros interesses.

Nota-se que o poder simbólico das ONGs Transnacionais é derivado de outros tipos de poder, tais como o poder político, econômico-financeiro e midiático. As ONGs são naturalmente midiáticas e por isso detêm uma inserção nos meios de comunicação social muito grande. As redes de relacionamentos políticos das ONGs são enormes e, por isso, estão atreladas a todos os setores. Por conseguinte, obtêm recursos financeiros externos com bastante facilidade, caracterizando seu empoderamento.

O que o WWF-Brasil está fazendo pela Amazônia? **O WWF-Brasil trabalha na região amazônica junto com autoridades governamentais**, comunidades locais e indígenas, organizações não governamentais e o setor privado para proteger grandes porções da Amazônia e sua biodiversidade única, assim como seus serviços e funções ecológicas singulares. (WWF, Site Institucional, Texto "O que o WWF-Brasil está fazendo pela Amazônia?")

O poder das ONGs se concentra no poder simbólico que se traduz em formas de dominação que resultam na criação de uma imagem de herói ou guardião da floresta amazônica. Esse poder simbólico se traduz em influência política, capital intelectual e relacionamentos estratégicos. Enquanto "elite simbólica" as ONGs Transnacionais reproduzem os ideais de sustentabilidade amazônica, produzindo um aparato ideológico que permite a manutenção de um poder simbólico e informacional.

O poder das ONGs não aparece apenas na dimensão simbólica, mas é relevante a força política demonstrada nos discursos. O poder intervencionista das ONGs é expresso diretamente por meio do desenvolvimento de diagnósticos situacionais, elaboração de planos, projetos e programas de intervenção ecológica e realização de assessoramentos e recomendações de políticas de desenvolvimento sustentável para a região. Essa influência pode ser

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

percebida nas formas de reprodução do discurso, especificamente nos registros de atividades dos relatórios:

Nos últimos 50 anos, a floresta perdeu 17% de sua cobertura. O WWF foi uma das primeiras organizações a desenvolver uma visão de conservação e desenvolvimento sustentável para o bioma Amazônia como um todo, reconhecendo pressões e oportunidades em nível nacional e nas fronteiras. (WWF, Relatório Anual 2014)

Esse poder não se limita à articulação em si, mas ao modo de influência: eles podem determinar a agenda de discussões públicas, influenciar a relevância dos tópicos, controlar a quantidade e o tipo de informação, agendar assuntos ambientais e o que deve efetivamente ganhar destaque sobre a Amazônia. O potencial de captação de recursos (capital econômico), os conhecimentos sobre a Amazônia (capital intelectual), as relações sociais (capital social) são convertidas em recursos de dominação simbólica. Como explicitado anteriormente, o poder simbólico é uma forma de poder ideológico.

O sentido discursivo denota que as ONGs Transnacionais buscam a legitimidade de suas ações e a conseqüente aceitação social. Isso está nas marcas lingüísticas das organizações. O poder das ONGS se aplica ao discurso como prática social, sendo que ajuda a reproduzir conhecimentos, opiniões, atitudes, ideologias sobre a Amazônia.

O discurso pode influenciar diretamente outros enunciados, posicionamentos e ações por meio da construção simbólica de uma Amazônia imaginada. Como os textos das ONGs podem levar à informação ou confirmação de preconceitos e estereótipos sobre a região, que por sua vez podem levar a construção de em outros contextos, que podem contribuir com a reprodução discursiva da Amazônia.

### **Categoria “Natureza exótica e Exuberante”**

Na superfície lingüística das ONGs Transnacionais, um dos principais sentidos da Sustentabilidade Amazônica está atrelado ao exotismo da natureza. Por meio das marcas lingüísticas identificadas nos textos, a Amazônia é representada como **"natureza exótica e exuberante"**, tendo na sua biodiversidade uma riqueza inexplorada e quando das argumentações adjetivam determinadas espécies. A natureza exótica pode ser exemplificada com o seguinte texto do Greenpeace:

The Amazon is a vast and majestic rainforest teeming with an estimated quarter of all known land species. The jaguar, the pink river dolphin, the sloth, the world's largest flower, a **monkey the size of a toothbrush** and a **spider the size of a baseball** are just a few of the species that we know about - there are many more yet to be discovered<sup>7</sup> (GREENPEACE, Site Institucional, Texto "Amazon").

Trata-se de um discurso de espetacularização produzido por uma visão eurocêntrica e ainda hegemônica. A linguagem evidencia os atributos exímios da Amazônia, destacando-se alguns que estão nos interdiscursos coloniais e no imaginário global da região. É possível comparar essa caracterização do Greenpeace aos primeiros relatos dos viajantes sobre a região no início do século XVI, as comparações instigantes que relatavam uma floresta repleta de espécies, com rica fauna e flora.

Nota-se que esse discurso da natureza imaginária dos viajantes ecoa ainda hoje no discurso das ONGs Transnacionais. Ao comparar um macaco com uma "escova de dente" e uma aranha ao tamanho de uma "bola de beisebol" busca-se estimular uma perspectiva fantasiosa e espetacular. O discurso do

---

<sup>7</sup> Tradução Livre: "A Amazônia é uma vasta e majestosa floresta tropical repleta de um quarto estimado de todas as espécies terrestres conhecidas. O jaguar, o golfinho cor-de-rosa, a preguiça, a maior flor do mundo, **um macaco do tamanho de uma escova de dente e uma aranha do tamanho de uma bola de beisebol** são apenas algumas das espécies que conhecemos - **há muito mais a ser descoberto**".

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

Eldorado, a mística regional encontra-se aqui novamente ressignificada no discurso do Greenpeace.

Outra apropriação é a noção de que “há muito mais a ser descoberto”, tornando a Amazônia um convite para novas “expedições” a fim de reconhecer aquilo que ainda está escondido. Do mesmo modo ocorre uma retomada histórica as informações dos viajantes aos seus patrocinadores, informando das possibilidades a serem descobertas ou desmistificadas.

A ideia que se completa é que a Amazônia sempre será uma incógnita global. Gonçalves (2001, p. 25) destaca que assim a “Amazônia nunca é o presente, mas sempre o futuro que será redimido pelos seus recursos imensos reais e imaginários. Assim a Amazônia nunca é; é sempre o vir a ser”. No discurso ambiental em análise esse “vir a ser” está atrelado ao potencial de exploração futura, uma reserva de recursos.

Quando se trata da Amazônia, nota-se que são mobilizados conceitos históricos do período da sua formação territorial, denotando uma visão de natureza colonialista e a ser explorada. O discurso evidencia ainda que há muita coisa oculta na região, instigando assim a curiosidade e a imaginação dos que tem acesso aos textos. A natureza amazônica qualificada como exótica é uma das questões centrais no discurso das ONGs.

Schweickardt (2014, p.121) afirma que “a ideia de uma Amazônia como ‘selva’, lugar exótico, por vezes inóspito, selvagem a ser domesticado, surge embutida no processo de invenção da própria noção de Amazônia.” Essas concepções sobre a região, segundo a autora, são “disseminadas desde o período colonial pelos viajantes, expedicionários, missionários, cientistas que por lá viveram ou passaram, tornaram-se a base conceitual do que muito tempo depois viria se concretizar na categoria Amazônia”.



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

O discurso das ONGs projeta também uma “natureza exuberante” que desperta a atenção não só pelos seus superlativos, mas também pelos seus desconhecidos e imagináveis potenciais de biodiversidade. Um recurso lingüístico empregado são os números, dados e comparações:

Do alto, do solo ou da água, a Amazônia é um **impacto para os olhos**. Por seus 6,9 milhões de quilômetros quadrados em nove países sul-americanos (Brasil, Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, Venezuela, Guiana, Suriname e Guiana Francesa) espalha-se **uma biodiversidade sem paralelos**. É ali que mora metade das espécies terrestres do planeta. São aproximadamente 40 mil espécies de plantas e mais de 400 de mamíferos. Os pássaros somam quase 1.300, e os insetos chegam a milhões. (GREENPEACE, Site Institucional, Texto “Amazônia: Fascínio e destruição”).

O bioma Amazônia é quase do tamanho da bacia, com 6,7 milhões de km<sup>2</sup>. A maior parte desse bioma – 60,1% – está em território brasileiro. Para se ter uma **ideia de sua grandiosidade, se a Amazônia fosse um país, seria o sétimo maior do mundo**. (WWF, Site Institucional, Texto “Por dentro da floresta amazônica”).

A Amazônia abriga um número enorme de plantas e animais existentes no planeta e a maior parte dessas espécies **sequer foi estudada pelos cientistas**. (WWF, Site Institucional, Texto “Por dentro da floresta amazônica”).

Com mais de 6.400 km de extensão, o rio Amazonas é o **segundo rio mais longo do mundo** (o primeiro é o Nilo, na África). Esse **corpo d’água colossal**, alimentado por muitos afluentes, é o eixo da bacia hidrográfica Amazônica e desce do alto dos Andes até o oceano Atlântico, onde deposita suas águas. (WWF, Site Institucional, Texto “Por dentro da floresta amazônica”).

Nota-se que a linguagem utiliza-se de certo exagero com intuito de transmitir uma ideia imaginária, em especial ao afirmar que são “milhões de insetos” na Amazônia. As marcas lingüísticas “impacto para os olhos” e “biodiversidade sem paralelos” auxiliam na criação de um cenário espetacular e são também sugestões simbólicas de um El Dorado.

Esse discurso estimula uma interpretação da Amazônia espetacular e significa um deslumbramento pela riqueza natural. Para o interlocutor, é um

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

texto que estimula não só a curiosidade sobre a Amazônia, mas também o fascínio e a fantasia. Existe, assim, o estímulo ao imaginário amazônico como sendo uma região notadamente “verde”. “A imagem mais comum do que seja a Amazônia é a de que se trata de uma imensa extensão de terras, onde o principal elemento de identificação é uma natureza pujante, praticamente indomável, que a história nos legou intocada” (GONÇALVES, 2001, p. 20).

### **Categoria “sociodiversidade superficial”**

Ao analisar os textos das ONGs nota-se que as dimensões sociais e culturais são secundarizadas em relação à natureza. Quando surge a dimensão “gente” no discurso da sustentabilidade amazônica é como se existissem apenas comunidades indígenas. É possível notar no trecho a seguir:

It is also home to over 20 million people including hundreds of indigenous peoples, some of which have **never been contacted by the 'outside world'**. And finally, the Amazon stores 80 to 120 billion tonnes of carbon, helping to stabilise the planet's climate<sup>8</sup>. (GREENPEACE, Site Institucional, Texto “Amazon”).

Ao destacar que alguns povos indígenas nunca foram contatados pelo “mundo exterior” o texto evidencia o caráter exótico do discurso e um olhar essencialmente externo e eurocentrista. Essa informação, mesmo que verdadeira<sup>9</sup>, produz o sentido de uma Amazônia selvagem, marcada por inúmeros fatos a serem descobertos. O texto constrói a sociodiversidade de forma taxativa, visto que cita apenas a existência de indígenas.

---

<sup>8</sup> É também o lar de mais de 20 milhões de pessoas, incluindo centenas de povos indígenas, **alguns dos quais nunca foram contatados pelo “mundo exterior”**. E, finalmente, a Amazônia armazena de 80 a 120 bilhões de toneladas de carbono, ajudando a estabilizar o clima do planeta.

<sup>9</sup> A Fundação Nacional do Índio (FUNAI), de acordo com seu site, registra 69 referências de grupos indígenas ainda não contatados, além de existirem grupos que estão requerendo o reconhecimento de sua condição indígena junto ao órgão federal indigenista.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

No exemplo acima, as populações indígenas, por meio do não dito, representaria mais um item do fascínio da região considerada “Eldorado” pelos seus atributos de biodiversidade. Essa percepção não leva em consideração as inúmeras culturas de grupos sociais que contribuem para a diversidade sociocultural na Amazônia. Agrupamentos sociais que vivem na região (caboclos, quilombolas, caiçaras, babaçueiros, ribeirinhos, extrativistas, seringueiros e outros) são esquecidos do discurso a fim de evidenciar a visão de exotismo amazônico.

O mosaico de grupamentos que formam a sociedade amazônica é uma clara demonstração da diversidade cultural, social e étnica, mas é apagada do discurso. Conforme destaca Benchimol (2009, p. 19): “a Amazônia é um segmento e produto brasileiro tropical de múltiplas correntes e grupos culturais. A sociedade que aqui se formou traz, ainda, a marca e os insumos sociais, biológicos e étnicos de muitos povos, tradições e costumes”.

Ademais, o processo cultural do povoamento da Amazônia teve ainda a contribuição de povos distintos, tais como os nordestinos, afro-descendentes, europeus extra-ibéricos, asiáticos e outros. Todavia, o discurso das ONGs reduz essa diversidade aos “outros grupos”, como se fossem menos importantes:

Povos indígenas e **outros grupos** que vivem na floresta amazônica aperfeiçoaram o uso de compostos químicos encontrados em plantas e animais. O conhecimento sobre o uso dessas plantas geralmente fica nas **mãos de um curandeiro**, que por sua vez repassa a tradição para um aprendiz. **Esse processo se mantém ao longo de séculos e compõe uma parte integral da identidade desses povos.** (WWF, Site Institucional, Texto “Por que a Amazônia é importante?”).

É possível notar no discurso que as Transnacionais ainda impregnam a perspectiva dos primeiros viajantes nas quais o índio tinha o poder de curandeiro, o poder de servir aos propósitos mágicos. Essa caracterização

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

novamente aproxima-se do impressionismo dos relatos dos cronistas, destacando certo misticismo.

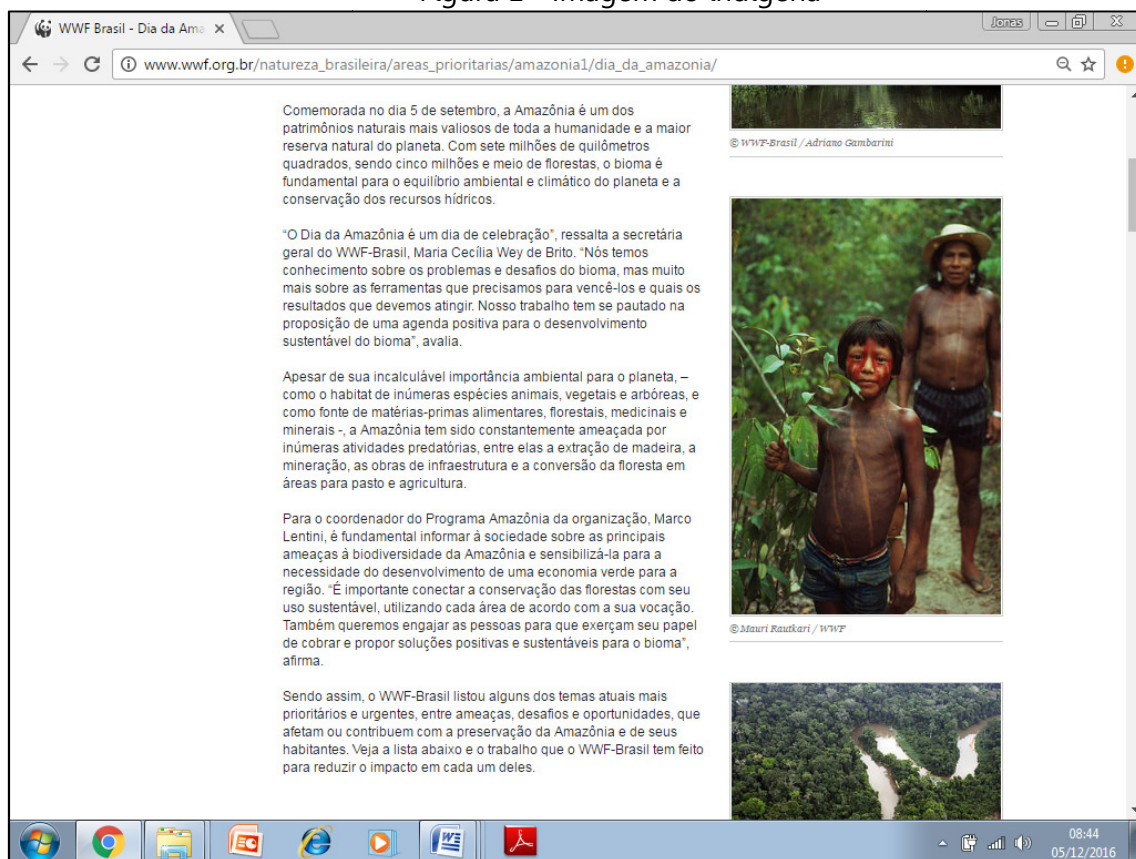
A visão que se tem sobre os indígenas na Amazônia, pelo apagamento discursivo, busca espetacularizar a região, demonstrando uma percepção excêntrica. Esse esquecimento tem por finalidade estereotipar e mostrar que na Amazônia existem tão somente os indígenas mostra uma imagem fantasiosa. Parece-nos ilustrativo dessa colocação o que segue, no texto abaixo, em relação aos indígenas:

A Amazônia é a maior floresta intacta do mundo e lar para mais de **24 milhões de pessoas, incluindo centenas de povos indígenas**. A floresta é essencial para a sobrevivência desses povos, servindo de fonte de alimentos, abrigo e medicamentos, bem como desempenhando um papel importante em sua vida espiritual. (GREENPEACE, Publicação Institucional, Texto "A crise silenciosa da Amazônia")

Sob as superfícies negras ou barrentas dos rios amazônicos, 3 mil espécies de peixes deslizam por 25 mil quilômetros de águas navegáveis: é a maior bacia hidrográfica do mundo, com cerca de um quinto do volume total de água doce do planeta. **Às suas margens, vivem mais de 24 milhões de pessoas, incluindo mais de 342 mil indígenas** de 180 etnias distintas, além de **ribeirinhos, extrativistas e quilombolas**. (GREENPEACE, Site Institucional, Texto "Amazônia: Fascínio e destruição")

A noção de sociodiversidade apresentada pelas ONGs Transnacionais é superficial, pois não demonstra a complexidade da formação social e cultural da Amazônia. Os textos analisados mostram que a situação humana na região é constituída por uma imagem homogênea do indígena. As imagens que são reproduzidas nas páginas dos sites institucionais ilustram essa característica enunciativa. Toma-se como exemplo a publicação sobre o Dia da Amazônia feita pelo WWF, a única imagem que faz menção a categoria "gente" é a do "Indígena Kayapó com planta medicinal".

Figura 1 - Imagem do indígena

Fonte: <http://www.wwf.org.br/>

A reprodução imagética sobre o índio tem que necessariamente mostrá-lo pintado e com tanga tal como se consolidou no imaginário coletivo. Examinando essa imagem, nota-se que ela ajuda a cristalizar o sentido "selvagem" sobre o índio, ressignificando o discurso de forma exótica. Dutra (2009, p.53) afirma que se trata de um ponto de vista hegemônico, sendo "uma velhíssima forma de fabricação da imagem de grupos subalternos que vem secularmente abastecendo o imaginário, permeando não só a instituição escolar, mas também o ambiente da cultura, da política, da economia".

No corpus investigado, o emprego da terminologia “índio” traz, na verdade, uma desfocagem da diversidade dos povos indígenas. Os textos não os definem explicitamente, construindo uma homogeneização de grupos diferenciados. Essa invisibilidade da diversidade social é perceptível em diversos fragmentos analisados, além disso, o índio tem a sua historicidade apagada ou desfocada.

Existe, portanto, no discurso das ONGs um apagamento de todos esses fatores que demonstram a complexidade da identidade amazônica, que é multifacetária. Quando a dimensão social aparece no discurso, é no sentido de ser algo a margem, é como se fosse um detalhe da questão. Os índios são retratados com uma visão tradicional, como se fossem extremamente dependentes. As populações indígenas são complexas e diversificadas. A pluralidade étnica é omitida. O conjunto de textos analisados constrói o sentido de uma sociodiversidade que não inclui a mudança de atitude cultural da sociedade ou que coloca o homem como se não fizesse parte da natureza.

Constata-se que a noção de sociodiversidade das ONGs Transnacionais é apresentada de forma vazia, superficial e imaginária. Em muitos textos nota-se que essa sociodiversidade se apresenta apenas como se fosse indígena, tornando invisíveis as comunidades caboclas, ribeirinhos, extrativistas, negras remanescentes de quilombos, mulheres quebradeiras de coco de babaçu e uma ampla variedade de migrantes.

### **Considerações finais**

Os quatro sentidos identificados não encerram outras possibilidades enunciativas, podendo existir outros sentidos diferenciados. Apresentam-se, aqui, os mais recorrentes e evidentes no corpus analisado. A intenção foi

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

desvelar discursivamente essas propriedades, caracterizando uma reflexão crítica do discurso. Durante a análise, expomos alguns não-ditos, esquecimentos, apagamentos realizados discursivamente e os elementos constitutivos de suas condições de produção e propriedades internas.

O discurso que sustenta os textos é um discurso econômico, ainda que enunciativamente se apresente como uma discussão ambiental. Trata-se abertamente de um discurso neocapitalista, que pensa a presença na Amazônia a partir de uma dimensão geopolítica pautada em interesses econômicos. Ademais, nota-se que a legitimação se dá por um pretense discurso científico que convalida uma exacerbada visão da Floresta Amazônica e olvida a diversidade sociocultural existente na Amazônia.

Esta lógica discursiva produz dois efeitos: a espetacularização do verde amazônico e a reprodução de imaginários sobre a natureza Amazônica. O discurso simplifica de tal modo a sustentabilidade amazônica que se perde a visão do todo. Buscamos mostrar como as ONGs constroem discursivamente a Sustentabilidade e a Amazônia, destacando diversos aspectos da sua criação de sentidos.

As Transnacionais utilizam-se de recursos imagéticos para “vender” a Amazônia como santuário ecológico que precisa ser preservado a todo custo e que para isso é preciso agir em diferentes cursos. Constata-se também que as ONGs Transnacionais se baseiam no discurso da ameaça iminente à Floresta Amazônica e, por conseguinte, esquecem as populações tradicionais, quilombolas, seringueiros, castanheiros, indígenas e outros. Nesse discurso da exacerbação da natureza, existem vários apagamentos sobre a relação homem-natureza e as populações tradicionais, quando citadas, não possuem a mesma importância, sendo consideradas num plano inferiorizado.

O patrimônio histórico-cultural das populações amazônicas, a riqueza das relações socioculturais, elementos indissociáveis do ser humano, muitas vezes, são esquecidos ou deslocados no discurso das ONGs. Dessa forma, ao enfatizar o sentido de que a região é um patrimônio puramente natural, as riquezas históricas e culturais são suprimidas. Nota-se ainda que os indígenas são projetados com representações habituais, rostos caracterizados, fenótipos e adereços. Essa visão estereotipada é recorrente em vários textos que se predispõe a reforçar a imagem pueril do índio.

O esquecimento e arquivamento da sociodiversidade amazônica estão contidos nos discursos, promovendo, ao mesmo tempo, o incessante mecanismo de rememoração dos viajantes. Mesmo não se tratando do discurso dos viajantes, o discurso das ONGs recupera elementos ideológicos característicos daquela época.

A Amazônia que é abordada pelos textos do Greenpeace e WWF é o resultado da conjunção de fragmentos de sentidos que envolvem uma perspectiva de globalização ambiental, marcada por discursos que recuperam imagens de natureza exuberante, já contidas em um imaginário coletivo da Amazônia Colonial. Percebe-se que é do Imaginário Colonial que as ONGs transnacionais recuperam e recriam a imagem da Amazônia exótica.

A Amazônia passa a conter um novo conjunto de signos e ideias-força de suas representações no mundo por meio das ONGs Transnacionais que reinterpretam a Amazônia. Existe, por consequência, uma “espetacularização do verde” no mundo globalizado e uma construção imagética que reforça preconceitos e estereótipos: a ideia de que ela seria uma região formada por regiões inexploradas, “selvas exuberantes” e “recursos naturais ilimitados”.



DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

Somam-se as visões de que a Amazônia é apenas um “território vazio” a ser preservado. Os discursos analisados podem “alimentar” enunciados recorrentes, tais como a Amazônia é um grande vazio populacional, apenas uma imensidão verde ou habitada por índios somente. Ademais, as noções de vazio humano e atraso cultural são procedentes dessas perspectivas no discurso das ONGs Transnacionais.

Em síntese, durante a análise, notou-se que as práticas discursivas das ONGs Transnacionais são diversificadas e existe uma multiplicidade de formas simbólicas de construir a região amazônica em virtude das diferentes formas de apropriação lingüística. Percebe-se que existe uma complexidade no sistema simbólico, visto que há uma série de interesses envolvidos, que são expressos por meio das diferentes formas discursivas.

## Referências

BATISTA, Djalma. **O complexo da Amazônia**: análise do processo de desenvolvimento. 2. Ed. Manaus: Editoria Valer, Edua e Inpa, 2007.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: formação social e cultural. 3. Ed. Manaus: Editora Valer, 2009.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia**: um pouco antes e além-depois. 2. Ed. Manaus: Editora da Universidade Federal do Amazonas, 2010.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Lisboa, Difel, 1989.

BUENO, Magali Franco. **O imaginário brasileiro sobre a Amazônia**: uma leitura por meio dos discursos dos viajantes, do Estado, dos livros didáticos de Geografia e da mídia impressa. Dissertação defendida no Departamento de Geografia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Universidade de São Paulo, 2002.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

FONSECA, Osório. **Pensando a Amazônia**. Manaus: Editora Valer, 2011.  
GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Contexto, 2001.

GREENPEACE (Brasil). **Relatório Anual 2014**. 2015. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/Global/brasil/documentos/2015/relatorio%20anual%202014%20greenpeace.pdf>. Acesso em: 13 fev. 2016.

GREENPEACE (Brasil). **A crise silenciosa da Amazônia**. 2014. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Documentos/a-crise-silenciosa-da-amazonia/>. Acesso em: 25 jun. 2016.

GREENPEACE (Brasil). **Amazônia, sua linda!** [201-]. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/Noticias/Amazonia-sua-linda/>. Acesso em: 10 maio 2016.

GREENPEACE (Brasil). **Amazônia: fascínio e destruição**. [201-]. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/brasil/pt/O-que-fazemos/Amazonia/>. Acesso em: 14 jun. 2016.

GREENPEACE (Brasil). **Desmatamento zero é a esperança**. [201-]. Disponível em: <http://www.salveasflorestas.org.br/> . Acesso em: 2 maio 2016.

GREENPEACE (Internacional). **Amazon**. [201-]. Disponível em: <http://www.greenpeace.org/international/en/campaigns/forests/amazon/> . Acesso em: 27 abr.2016.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é imaginário**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1997.

MAFFESOLI, Michel. **Entrevista de Michel Maffesoli sobre o imaginário é uma realidade**. Revista Famecos, v. 8, n. 15, p. 74-82, 2008.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise do Discurso: princípios e procedimentos**. 8.ed. São Paulo: Pontes, 2009.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso, Imaginário Social e Conhecimento**. Revista Em Aberto, Brasília, ano 14, n.61, jan./mar. 1994.

PÊCHEUX. M. A Análise do Discurso: três épocas. In: GADET, F e HAK, T (orgs.) **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Pêcheux. Campinas, Editora da UNICAMP, 1990.

PÊCHEUX. M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da UNICAMP, 1995.

SCHWEICKARDT, Kátia Helena Serafina Cruz. A reinvenção da Amazônia a partir da invenção dos seringueiros. In: BASTOS, Élide Rugai; PINTO, Renan Freitas. **Vozes da Amazônia II**. Manaus: Editora Valer e Edua, 2014.

SILVA, Marilene Corrêa da. **O Paiz do Amazonas**. 3.ed. Manaus: Editora Valer, 2012.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Análise de discurso**: procedimentos metodológicos. Manaus: Instituto Census, 2014.

SOUZA, Sérgio Augusto Freire de. **Conhecendo Análise do Discurso**: linguagem, sociedade e ideologia. Manaus: Editora Valer, 2006.

UGARTE, A. S. Margens míticas: a Amazônia no imaginário. In: PRIORE, Mary Del; GOMES, Flávio Santos Gomes (Org.). **Os senhores dos rios**. Rio de Janeiro: Editora Campus, 2003.

WWF (Brasil). **Relatório Anual 2014**. 2015. Disponível em: <<http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/relatorioanual/?45783/Relatorio-Anual-2014>>. Acesso em: 13 de junho 2016.

WWF (Brasil). **5 de setembro**: Dia da Amazônia. [201-]. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/dia\\_da\\_amazonia/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/dia_da_amazonia/)> Acesso em: 02 maio 2016.

WWF (Brasil). **Ainda dá para salvar a Amazônia?** [201-]. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/)>. Acesso em: 22 set. 2016.

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

WWF (Brasil). **Amazônia Brasileira: desafios para uma efetiva política de combate ao desmatamento.** 2015. Disponível: < <http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/>>. Acesso em: 13 jun.2016.

WWF (Brasil). **Desenvolvimento Sustentável na Amazônia.** [201-]. Disponível em:

<[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/reducao\\_de\\_impactos2/amazonia/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/reducao_de_impactos2/amazonia/)> . Acesso em: 13 jun. 2016.

WWF (Brasil). **Hidrelétricas na Amazônia: é possível estabelecer um diálogo?** 2013. Disponível: < <http://www.wwf.org.br/informacoes/biblioteca/>>. Acesso em: 13 jun 2016.

WWF (Brasil). **O que liga a floresta Amazônica, o aquecimento mundial e você?** [201-]. Disponível em:

<[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/bioma\\_amazonia/porque\\_amazonia\\_e\\_importante/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/bioma_amazonia/porque_amazonia_e_importante/)>. Acesso em: 13 jun 2016.

WWF (Brasil). **O que o WWF-Brasil está fazendo pela Amazônia?** [201-]. Disponível em:

<[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/nossas\\_solucoes\\_na\\_amazonia/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/nossas_solucoes_na_amazonia/)>. Acesso em: 13 jun 2016.

WWF (Brasil). **Por dentro da floresta amazônica.** [201-]. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/bioma\\_amazonia/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/bioma_amazonia/)>. Acesso em: 27 maio 2016.

WWF (Brasil). **Por que a Amazônia é importante?** [201-]. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/bioma\\_amazonia/porque\\_amazonia\\_e\\_importante/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/bioma_amazonia/porque_amazonia_e_importante/)>. Acesso em: 27 maio 2016.

WWF (Brasil). **Uma visão de conservação para a bacia do Tapajós.** Brasília, 2016. Disponível em:

<<http://www.wwf.org.br/informacoes/?uNewsID=51922>>. Acesso em: 13 dez. 2016.

WWF (Brasil). **Vida silvestre na Amazônia.** [201-]. Disponível em: <[http://www.wwf.org.br/natureza\\_brasileira/areas\\_prioritarias/amazonia1/bioma\\_amazonia/especies\\_da\\_amazonia/](http://www.wwf.org.br/natureza_brasileira/areas_prioritarias/amazonia1/bioma_amazonia/especies_da_amazonia/)>. Acesso em: 02 jul. 2016.

WWF (Brasil). **WWF chama a atenção do mundo para conservação da Amazônia.**



# revista Observatório

ISSN nº 2447-4266

Vol. 4, n. 5, agosto. 2018

DOI: <http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2018v4n5p597>

2015. Disponível em:  
<[http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias\\_meio\\_ambiente\\_e\\_natureza/?47662/WWF-chama-a-ateno-do-mundo-para-conservao-da-Amaznia](http://www.wwf.org.br/informacoes/noticias_meio_ambiente_e_natureza/?47662/WWF-chama-a-ateno-do-mundo-para-conservao-da-Amaznia)>. Acesso em:  
02 jul.2016.

WWF (Brasil). **WWF-Brasil na Amazônia**: qualidade de vida e conservação da natureza. 2012. Disponível: < <http://www.wwf.org.br/informacoes/bliblioteca/>>. Acesso em: 13 jun. 2016.